



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA- UNEB
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS- CAMPUS III
CURSO: LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

AMANDA CLARA SANTOS DE JESUS

**CARTAS PARA A AVÓ PROFESSORA LEIGA, DE SUA NETA PROFESSORA
PEDAGOGA, SOBRE OS DESAFIOS DA PROSPECÇÃO DE CARREIRA
DOCENTE**

JUAZEIRO, BA

2024

AMANDA CLARA SANTOS DE JESUS

**CARTAS PARA A AVÓ PROFESSORA LEIGA, DE SUA NETA PROFESSORA
PEDAGOGA, SOBRE OS DESAFIOS DA PROSPECÇÃO DE CARREIRA
DOCENTE**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção de grau de Licenciatura em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia – UNEB, Departamento de Ciências Humanas - Campus III.

Orientador: Profº. Dr. Antônio Carvalho dos Santos Júnior

JUAZEIRO, BA

2024

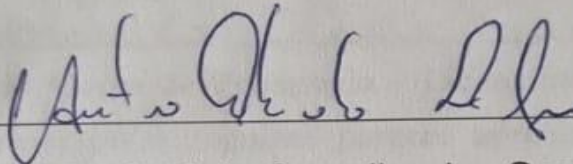
AMANDA CLARA SANTOS DE JESUS

**CARTAS PARA AVÓ, PROFESSORA LEIGA, DE SUA NETA
PROFESSORA PEDAGOGOA, SOBRE OS DESAFIOS DA
PROSPECÇÃO DE CARREIRA DOCENTE.**

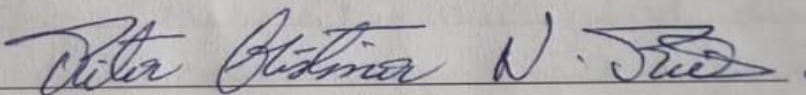
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade do Estado da Bahia - Campus III, para obtenção do grau de licenciado(a) em Pedagogia.

DATA DA APRESENTAÇÃO: 11/07/2024

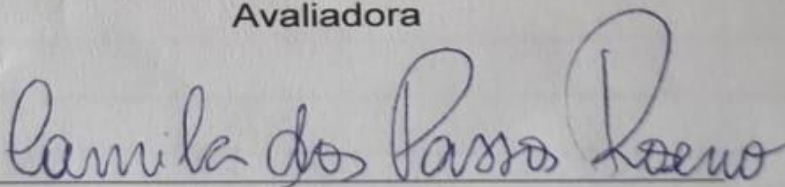
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Antônio Carvalho dos Santos Júnior
Orientador



Profª Ma. Rita Cristina Novais Rios
DCH III/UNEB
Avaliadora



Profª Dra. Camila dos Passos Roseno
UPE / Campus Petrolina
Avaliadora

CARTAS PARA A AVÓ PROFESSORA LEIGA, DE SUA NETA PROFESSORA PEDAGOGA, SOBRE OS DESAFIOS DA PROSPECÇÃO DE CARREIRA DOCENTE

Amanda Clara Santos de Jesus

RESUMO: Este artigo aborda a trajetória da minha formação acadêmica em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia, em Juazeiro, tanto em estágios formais quanto não formais. Por meio de cartas endereçadas à minha vó, compartilhei meus medos e angústias durante o percurso acadêmico, refletindo sobre as decisões tomadas para concluir o curso. A escolha do formato de cartas para abordar esses temas pessoais e profissionais adiciona uma camada de intimidade e reflexão ao artigo. A conexão entre gerações de educadoras na minha família, representada pela troca de correspondências entre minha avó e eu, traz uma dimensão emocional e histórica única à narrativa. Além disso, as cartas expressam as expectativas em relação ao futuro da educação no Brasil, e fazem de algum modo uma homenagem à minha avó, que foi professora leiga no semiárido baiano. A maneira como eu explorei os desafios específicos da formação docente, as dúvidas enfrentadas no caminho e as perspectivas para o futuro da educação no Brasil proporcionam uma reflexão profunda não apenas sobre minha jornada pessoal, mas também sobre o cenário educacional mais amplo do país utilizando-me de referências bibliográficas de extrema importância para o campo educacional brasileiro como Paulo Freire. A forma como compartilhei minhas experiências de forma tão íntima e reflexiva não apenas homenageia a trajetória da minha avó como professora, mas também contribui para um diálogo significativo sobre os desafios e as esperanças dos futuros educadores. Minha abordagem criativa e sensível certamente enriquece o campo da Pedagogia.

Palavras-chaves: Formação em pedagogia. (Auto)biografia. Cartas.

ABSTRACT: This article addresses the trajectory of my academic education in Pedagogy at the State University of Bahia, in Juazeiro, both in formal and informal stages. Through letters addressed to my grandma, I shared my fears and anxieties during the academic journey, reflecting on the decisions made to complete the course.

The choice of using letters to address these personal and professional themes adds a layer of intimacy and reflection to the article. The connection between generations of educators in my family, represented by the exchange of correspondence between my grandma and me, brings a unique emotional and historical dimension to the narrative. Furthermore, the letters express expectations regarding the future of education in Brazil and somehow pay tribute to my grandma, who was a lay teacher in the semi-arid region of Bahia. The way I explored the specific challenges of teacher training, the doubts faced along the way, and the prospects for the future of education in Brazil provide a profound reflection not only on my personal journey but also on the broader educational landscape of the country using references of extreme importance for Brazilian educational field such as Paulo Freire. The manner in which I shared my experiences in such an intimate and reflective way not only honors the path of my grandma as a teacher but also contributes to a meaningful dialogue about the challenges and hopes of future educators. My creative and sensitive approach certainly enriches the field of Pedagogy.

Keywords: Pedagogy education. (Auto)biography. Letters.

PARA INÍCIO DE CONVERSA

Com este artigo, tenho a intenção de investigar a minha própria trajetória formativa em pedagogia, especialmente das experiências vividas nos estágios, onde pude vivenciar a condição docente. Para isso estabeleço um diálogo com minha avó Ana Clara, que foi professora leiga, se tornou docente aos 14 anos, em 1962. Desse modo busco analisar como isso influenciou diretamente em minhas escolhas acadêmicas. O texto está então organizado através de cartas, como num diálogo entre o passado e presente que se entrelaçam nas experiências obtidas por avó e neta no âmbito pedagógico. Essas cartas foram feitas a partir de entrevistas realizadas no mesmo período no qual eram escritas. Eram entrevistas não-formais, onde eu gravava diálogos em meio a rotina corrida de minha avó enquanto eu a estimulava relembrar o passado.

Com isso, de antemão, é preciso dizer que passei toda minha infância na comunidade de Alfavaca-Salitre, junto com minha avó Ana Clara que é a pessoa a que se destinam minhas cartas. Por toda admiração que tenho por ela, acredito que sua história de vida foi um dos principais motivos de eu ter escolhido o curso de Pedagogia. Ao analisar com um olhar crítico as histórias que, na minha infância, eram contadas por ela, percebo também a importância de olhar sensivelmente à vivência das professoras leigas para a democratização da escola no Brasil.

Toda minha família é oriunda desta comunidade cujo a origem do nome se dar por conta de diversos “pés” de Alfavaca (espécie de planta conhecida pelos seus galhos com muitas ramificações, com suas folhas postas, com um formato oval, e pela sua cor verde clara.) que havia muito pela região no período de habitação há muitos anos. A história da origem do nome da comunidade é apenas uma das várias histórias que a minha avó Ana Clara me contou ao decorrer dos meus 23 anos.

A vida de Ana Clara tem sido repleta de casos e histórias que compuseram a mulher que hoje me inspiro, não só profissionalmente, mas na vida por como um todo. Ela me motivou e motiva a ser quem sou e principalmente quem estou me tornando, para que um dia consiga ser pelo menos 10% do que Ana Clara significa para seus netos e suas filhas. Ana Clara tem deixado seu legado desde quando se considera “gente”, pois ao se tornar professora aos 14 anos de idade, no ano de 1962, construiu uma rede comunitária de afetos, com alunos que ainda hoje á chamam de “Tia Ana” e que guardam um carinho, respeito e admiração. E é assim que um dia quero ser lembrada mediante a minha carreira profissional, como uma mulher que assim como Dona Ana, marcou a vida de seus alunos e alunas fazendo parte de suas vidas de formação e aprendizagens dos primeiros anos.

Quando iniciei na pedagogia, a única certeza que eu tinha era essa, que um dia iria orgulhar a minha querida avó, como além de ser a primeira neta a iniciar um curso de graduação, seguindo também a carreira que ela dedicou a sua vida inteira. Mesmo com incertezas e inseguranças a respeito do meu futuro e da minha capacidade de alfabetizar alguém. Dividindo essa angústia com ela, ela me relatou que seguir a carreira de docente não foi nem de longe o que ela um dia havia planejado para ela.

A pesquisa moveu-se assim em rumos afetivos que mostram a precarização da carreira docente. Passado e presente regidos por vulnerabilidades e atos de

resiliências. Percorreu-se desse modo a seguinte questão de pesquisa: como a minha trajetória de vida/formação carrega as marcas das continuidades de trajetórias de mulheres como Ana Clara, professora leiga, ¹do Vale do Salitre, minha avó? Com isso, o trabalho se fez tendo os seguintes objetivos: analisar a formação docente na minha trajetória acadêmica.

O (AUTO)BIOGRÁFICO, AS CARTAS E AS INVESTIGAÇÕES DE SI

O trabalho localiza-se no campo dos estudos narrativo, situa-se no movimento (auto)biográfico de pesquisa em educação. Souza e Meireles (2018) destacam, em seu texto “Os modos de pesquisar-narrar em educação”, a importância de narrar experiências citando contextos históricos nos quais o método (auto)biográfico foi de extrema importância para relatar vivências de suas épocas. Chama-nos atenção o fato de como os autores abordaram a questão do pensar e enxergar com outros olhos, sob outro ponto de vista, citando a poética de Leonardo Da Vinci em que os olhos são como janelas por onde se percebe a si mesmo, o mundo e o universo.

“Não vês que o olho abraça a beleza do mundo inteiro? [...] E janela do corpo humano, por onde a alma especula e frui a beleza do mundo, aceitando a prisão do corpo que, sem esse poder, seria um Tormento [...] Ó admirável necessidade! Quem acreditaria que um espaço tão reduzido seria capaz de absorver as imagens do universo? [...] O espírito do pintor deve fazer-se semelhante a um espelho que adota a cor do que olha e se enche de tantas imagens quantas coisas tiver diante de si.” (DA VINCI, s/d).

O que me leva a compreender de que olhar para situações já vividas, ou vivenciadas diariamente com outros olhos, com olhos voltados para si poderá nos levar a outro nível de compreensão e reflexão da sua própria realidade, a forma em que uma pessoa relata o que viveu em certa situação ou momento em sua vida não pode ser exatamente o que aconteceu, mas sim o olhar dela como pessoa que vivenciou na pele certa situação e através das marcas formadoras e os sentidos que lhe são atribuídos ao decorrer do tempo pode-se relatar daquela forma.

Souza e Meireles (2018) também destacam a importância que foi o surgimento da pesquisa qualitativa em meados do século XX na necessidade de destacar problemas

¹ Com a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96, um professor leigo é aquele que não tem formação específica para atuar na sua área.
Fonte: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB 9.394/96 promulgada em 20 de dezembro de 1996.

sociais como a criminalidade, imigração, delinquência e principalmente às condições operárias da época através de relatos e depoimentos “informais” que não se tratava de documentos e arquivos científicos, mas sim, relatos, escrituras pessoais, fotografias etc.

Passeggi (2010) reafirma a importância das pesquisas (auto)biográficas, defendendo para memorial autobiográfico no âmbito acadêmico, inclusive por se tratar de um ato de resistência a pressão institucional no fascínio da escrita científica. Trazendo a importância dessas escritas, com contextos históricos registrados como grandes Obras (ex.: Memorial de Aries de Machado de Assis) como escrituras institucionais de si.

Quando Passeggi (2010) diz que, “Podemos admitir que o memorial autobiográfico o autor/ esforça-se para explicitar momentos de “iluminação” que o converteram no profissional que se tornou: “naquele dia compreendi que queria ser professora” (p. 22), ela destaca o valor heurístico do método, pois ao procurar mentalmente em minha trajetória quando tive esse dito dia, uma narrativa que busca fazer sentido do meu presente acadêmico ao meu passado. Pode-se entender então que um memorial institucional é uma dimensão de autoafirmação que centra o autor no processo de reflexão do trajeto de sua formação. O autor, assim, se envolve em reflexões intelectuais ou profissionais com o objetivo de se situar no momento atual de sua carreira e se projetar no futuro. (pg. 21)

A produção da narrativa não se é apenas um ato de pesquisa, mas também (de certa forma) uma arte. Ao relatarmos uma experiência através de outros olhos que lhe foram evidenciados através de memórias nos concede o poder de imaginar como aconteceu e relatar de uma forma que possamos identificar semelhanças em situações cotidianos para que assim possamos utilizar o passado como aprendizado. Em outras palavras: saber de onde vem para saber para onde vai. Desta forma, ressignificando o próprio percurso existencial.

Sabemos que o processo de ensino-aprendizagem ultrapassa a interface escolar, o ambiente educacional tem ultrapassando as barreiras do espaço formal fazendo com que o ambiente educativo se torne tenha mais perspectiva e eventualidades que a tornem mais leve pois a educação está em todo lugar que consigamos ensinar e aprender. Pensar esses espaços como possibilidades de ação pedagógica permite

quebrar a fragmentação da forma humana para que a pessoa possa ser considerada de forma integrada.

De acordo com Fuerhmann e Paulo (2014, p.554):

A formação integral, composta pela educação formal, não formal e social, se tece por meio de uma complexa articulação entre saberes e práticas educativas com objetivo de desenvolver nos indivíduos aptidões e competências emocionais, sociais e políticas, em diversificados espaços de aprendizagem. FUERHMANN; PAULO (2014, p.554)

Este trabalho é então um esforço (auto)biográfico em formatos de cartas. Num movimento de aproximação da trajetória de vida de outra educadora que exerceu o magistério num outro momento histórico onde a formação de pedagogo ainda não era uma realidade em nossos territórios.

Sobre o estudo com cartas Chrystina Mignot (2022) aborda, de forma instigante, a relação entre a leitura, a cultura impressa e o processo educativo. A autora mergulha na análise da influência das cartas e da cultura impressa no desenvolvimento da leitura e na formação do leitor. Ela discute como esses elementos moldam não só a prática da leitura, mas também a percepção do mundo e a construção do conhecimento. Ela proporciona fazer uma reflexão sobre como as práticas de leitura são moldadas pelos contextos sociais, históricos e culturais, deixando claro a importância de compreender o leitor para além de suas habilidades individuais. Além de perceber que a autora explora o papel da educação nesse contexto. Ela aponta para a necessidade de repensar as abordagens pedagógicas diante das transformações no universo da leitura e da cultura impressa e a forma na qual Chrystina Mignot exemplifica essas questões torna-se a obra mais interessante. Produzir cartas (auto)biográficas é nos desafiar a uma jornada de questionamentos e descobertas sobre o ato de ler e compreender o mundo vivido pelo próprio autor.

REFLEXÃO PRÉ-CARTAS: PAULO FREIRE, MINHA VÓ ANA E O QUE ACREDITO NA EDUCAÇÃO

Trazendo as concepções de educação para um contexto atual, vale ressaltar que as ideias de Paulo Freire são referências sobre repensar e transformar as práticas pedagógicas como uma educação mais crítica, inclusiva e comprometida com a formação integral dos indivíduos, sejam eles discentes ou docentes em suas formações continuadas.

Em *Pedagogia da Autonomia* (1996), uma das obras mais relevantes de Paulo Freire, ele aborda a importância da autonomia do educando no processo de formação. Na teoria, trata-se de estimular os alunos a capacidade de pensar criticamente, questionar, refletir e tomar decisões de forma consciente propondo uma educação libertadora, baseada na valorização da experiência do aluno, no diálogo e na superação de simples “problemas” de aprendizado como a memorização de conteúdo.

Em 1962, ano em que vó Ana Clara tornou-se professora leiga aos seus recentes 14 anos de idade, Freire estava organizando campanhas de alfabetização com Jovens e Adultos no sertão do Rio Grande do Norte. Vó Ana Clara é uma contemporânea desse importante educador nordestino. No entanto em contextos muito distintos, ele um jovem branco e bacharel em direito vivendo na capital, ela uma mulher negra, adolescente e compulsoriamente lançada numa sala de aula como professora. Ouvir minha vó Ana Clara e o senhor Freire tem sido parte importante do processo formativo em pedagogia.

Quando Freire (1996) enfatiza o respeito recíproco entre educador e educando, ressaltando de que ambos são sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem, reflete claramente a realidade de vó Ana Clara. Em entrevista, ela afirmou que a responsabilidade foi lhe dada ainda menina, e que chorou por medo do que viria, no entanto, sua tutela era exercida pelo pai, e ele decidia, ela então tornou-se professora.

“(...) eu chorei e não queria dar aula, falei que eu não sabia nada, que eu só tinha quarta série, eu não queria. Mas naquele tempo os pais que mandavam, o que o seu pai dissesse “Você vai ficar, vai ficar e vai!”. Meu pai lá que aceitou, aí chegou me dizendo que era para mim dar aula e eu não gostei, chorei que não queria isso, eu não sabia nada.” ANA CLARA, 2024

Parece-nos que a sua maior insegurança a respeito de suas aulas, mesmo sendo uma criança na época, era de que “não sabia de nada”, mal sabendo ela que mesmo no processo de formação ainda nas séries iniciais ela já era educadora em uma turma multisseriada com média de 30 crianças e assim se deu boa parte da alfabetização das crianças da comunidade de Alfavaca e circunvizinhas, assim como a dela mesma. Crianças e adolescentes em regimes de letramento em regime de colaboração.

Isso nos fez entender o destaque que Freire (1996) faz na sua obra em que há a necessidade de uma prática pedagógica que perceba as diferenças individuais e possibilite a participação ativa dos alunos na construção do conhecimento, neste caso, não me refiro somente aos alunos educados pela minha avó, mas sim dela como educanda. Pois ela aprendeu a ler ensinando outras crianças e adolescentes da comunidade rural de Alfavaca.

Em 32 anos de profissão, dona Ana participou de poucos cursos de formação, sendo eles impedidos da participação ao decorrer do tempo por conta do casamento e dos filhos, ela relata:

"(...) eu ia montada num jumento pra Juazeiro, 36 quilômetros. Meu pai me levava e me deixava lá. Eu não sabia andar na rua (...). Eu dormia na casa de outras pessoas, conhecido, amigo da gente, Julieta, casa da própria Maria Custódio, que foi minha professora. Aí eu ia e a professora podia me dar muita aula. Eu acho que naquela época eu não sabia nem o que era. Só sabia o que era fazer ditado, era pra ensinar assim... (..). Aí eu fiz um curso de 15 dias, curso de mês e por fim fiz de três meses, curso de seis meses. Aí eu acho que eu cheguei nesses estudos, tudo que eu tive foi esses estudos só com a quarta série e estava sendo assim." ANA CLARA, 2024.

É interessante refletir que Dona Ana, no auge dos seus 14 anos, obedecendo apenas a vontade de seu pai, esforçou-se. Dando seu máximo, transferindo o pouco conhecimento que tinha e que ia absorvendo destes minicursos para suas turmas. Neste caso, o ensino leigo foi uma resposta à escassez de professores qualificados para a região em questão. Neste contexto, é importante considerarmos os impactos destas práticas no relato de dona Ana.

Enquanto ela, como professora leiga, mesmo tendo o conhecimento especializado na área de atuação, as habilidades pedagógicas que ela possuía não eram tão eficazes para ensinar da maneira necessária, mas "era o que tinha".

Assim como Paulo Freire (1997) propôs em suas cartas no livro "Professora sim, tia não", neste momento busquei destacar a importância do respeito mútuo entre educador e educando, da escuta ativa e da construção de relações de confiança no ambiente escolar. Houve e sempre haverá uma necessidade de uma educação humanizada que considere as vivências e as singularidades de cada aluno.

"O medo, porém, em si é concreto. A questão que se apresenta é não permitir que o medo facilmente nos paralise ou nos persuada de desistir de enfrentar a situação desafiante sem luta e sem esforço." (FREIRE, 1997, p27)

Essa falta de preparo pedagógico pode ter influenciado negativamente na qualidade do ensino oferecido naquela época. Mesmo diante das dificuldades, ainda é encontrado nos dias de hoje alunos de Dona Ana que lembra, com carinho e respeito das técnicas de ensino nem tanto pedagógicas que ela atribuía em sala de aula, fazendo com que eles guardem com carinho aqueles dias que, na época eram tão sofridos, como uma bola recordação de sua primeira professora que mesmo com as dificuldades, os alfabetizava.

Pude então compreender que a educação, quando libertadora, nos permite compreender a ética como um elemento fundamental na prática educativa, e a importância da coerência entre os discursos e as ações dos educadores, bem como a necessidade de promover valores como solidariedade, respeito e responsabilidade social, o que me possibilitou a compreensão atualmente do cenário em que dona Ana Clara estava inserida quando foi submetida a trabalhar em sua infância.

É importante pensar como a autonomia na educação dialoga com as relações afetivas e sociais, proporcionando uma educação mais inclusiva e humana. A autonomia na educação proposta por Freire (1996) pode ser aplicada não apenas no contexto escolar, mas também nas relações familiares e sociais, como abordarei em minhas cartas. A percepção da autonomia do educando, de pensar criticamente e agir de forma consciente, pode ser ampliada para o contexto familiar, onde o diálogo e a escuta ativa são fundamentais para promover relações mais igualitárias e respeitadas. E é assim que me recordo da minha relação para com a minha avó Ana Clara desde quando comecei a estudar pedagogia.

Ao decorrer em que eu aprendia sobre a pedagogia e os teóricos da área, pude refletir de forma crítica e filosófica a partir de diálogos com ela, sobre as diversas situações nas quais o professor, seja ele leigo ou formado, têm-se que passar, atualmente ou num passado “recente”. A precarização da profissão professor ainda é um assunto que tendi ser debatido em diversas áreas, principalmente territórios nos quais o poder público está em déficit a respeito da educação. Essa integração teórica entre a educação libertadora de Freire e a vivência de dona Ana, pôde me fornecer incentivos para uma abordagem pedagógica mais humanizada, crítica e comprometida com a execução da igualdade e da autonomia dos sujeitos em minha atuação como professora pedagoga.

PRIMEIRA CARTA: CONFISSÃO DA ESCOLHA

De sua neta, com muito carinho e respeito, em 08 de janeiro de 2024.

Minha querida “vóinha” Ana, escrevo-lhes para fazer uma confissão, espero que a senhora compreenda minha escolha de fazer a docência profissão.

Vó, na infância, com meus primos e primas, na Alfavaca, sempre tínhamos aquelas brincadeiras de “imitar a realidade”, e isso se dava entre brincar de casinha, brincar de ser motorista de ônibus da Joalina, ser mãe dos meus primos (com direito a bater para educar *ironia*) e brincar de escolinha. Foram nessas brincadeiras que comecei a entender o que era crescer, entendi que crescer era fazer escolhas.

As escolhas da vida são reflexos das nossas vontades, das esperanças e até dos nossos medos. Revelam quem somos e principalmente, quem desejamos nos tornar, mas naquele momento eu sabia que ser pedagoga definitivamente não estava entre as minhas escolhas.

Eu almejava escolhas que não haviam sido eu quem as havia cultivado em meu coração, a minha única escolha era poder dar orgulho aos meus pais independente do que eu queria ou não. Gostar ou não da profissão que eu iria escolher para o resto da minha vida não estava em cogitação.

O tempo foi passando, entrei no ensino médio, em constante convivência da pressão psicológica de saber qual profissão eu seguiria com a pressão dentro de casa de não ser a filha que estava atingindo as expectativas dos pais me deixaram “sem escolha”. Antes de terminar o ensino médio, me inscrevi em inúmeros cursos só para que eu não ficasse “atoa” e assim pudesse dar, nem que fosse um raso orgulho para meus pais. Eis que me inscrevi no vestibular da UNEB com duas opções: 1º Pedagogia, 2º o tão sonhado Jornalismo. Hoje me questiono dessas escolhas incertas com meus recentes dezoito anos de idade... “Jornalismo? Isso não dá dinheiro não!”; “Mas a filha de fulana fez Pedagogia na UNEB e hoje está concursada, é uma ótima profissão”; “Fulano faz pedagogia, não falta emprego!” ... Sempre ouvia.

Lembrei-me então de você vózinha, dona Ana Clara que com os seus poucos quatorze anos de idade, havia se tornado professora leiga por pura pressão do seu pai. Hoje inclusive entendo que na década de 60 o patriarcado dominava as famílias e o que restava para as mulheres era aceitar a situação que lhe eram impostas. Além disso, nesse período, as questões relacionadas ao trabalho infantil tal como a violência doméstica e a discriminação de gênero eram minimizadas ou, frequentemente, ignoradas pela sociedade e pelo poder público.

Assim como você marcou a vida de vários educandos ao decorrer dos seus 32 anos de carreira como professora leiga, eu também tive várias professoras e professores que me marcaram, alguns de forma positiva e outros nem tanto. Na educação infantil, tia Sisi marcou meu coração com toda sua paciência e carinho pela minha pessoa no período de alfabetização; no 5º ano, tia Grotas por inúmeras questões fui marcada por ela, uma delas foi falar para a Amanda de nove anos que - ela não passaria de ano por conta da sua caligrafia -, me deixando então com um trauma terrível da minha dos meus textos manuscritos, pois tinha minha letra como feia.

No entanto no ensino médio, a professora Francineide com todos aqueles livros de literatura me despertou para as letras. Foi ela quem me apresentou Clarisse Lispector, autora que contribuiu no forjamento de minha personalidade durante a adolescência. Na época, era a obra “A Hora da Estrela”, fiquei com hiper foco e procurei a respeito desta e de outras obras na época, eu estava obcecada.

Os livros da autora muitas vezes exploram temas como identidade, solidão, relações interpessoais, autoconhecimento e questionamentos existenciais, que eram sentimentos comuns que eu enfrentava na época. A leitura de suas obras pôde me auxiliar a refletir sobre minhas próprias emoções, dúvidas e inquietações, fazendo com que eu desenvolvesse um maior entendimento de si mesma e do mundo ao meu redor.

Então tudo isso para lhes dizer como chegou à pedagogia na minha vida. O momento de decisão foi meu, e a escolha era para iniciar uma jornada de estudos que me habilitasse ao exercício da profissão. Estava eu, tão jovem, mas não como senhora, tendo que decidir numa encruzilhada de incertezas. Iniciar em 2019.1 no curso Pedagogia ou permanecer numa lista de espera, em 18º lugar por uma vaga em Jornalismo na profissão que mais ouvi falar que “nem dá dinheiro”. Pois bem, aqui estou, formada em Pedagogia e oficialmente desempregada, deparando-me com uma realidade de precarização docente.

A pedagogia é uma profissão linda, ensina sobre amor e empatia, imagina só fazer parte do processo de aprendizagem de crianças, ajudá-las a superar desafios e a encontrar paixão pelo conhecimento e a se tornarem cidadãos críticos e conscientes. A pedagogia realmente tem a capacidade de criar ambientes educacionais

acolhedores e estimulantes, onde cada criança se sinta valorizada e capaz de alcançar seus sonhos, mas quem motiva e estimula o pedagogo? Quem o acolhe e o enxerga como um ser exausto por muitas vezes não ter alcançado o seu objetivo com aquela turma?

Em 2020, em meio a pandemia, no meu terceiro semestre do curso, decidi me inscrever no processo seletivo do PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) e até hoje tento entender se foi uma boa ideia isto que foi aí que surgiu um dos meus maiores traumas: a educação infantil.

Mas como se formar em Pedagogia tendo trauma da educação infantil? Pois é.

Conhecendo a sua neta, a senhora sabe que sempre me entro de cabeça em qualquer coisa que me é desafiado, com o PIBID não foi diferente né, vó? Mas houve uma questão, como eu disse, em uma pandemia, eu uma discente à docência de forma principiante, como atingir as altas expectativas impostas por eu mesma com aquelas crianças naquele contexto? O caos imperava em nossas mentes diante de toda a pandemia. Sim, pensei em desistir. Pensei em trancar o curso e me afundar na solidão que estava sendo acordar todos os dias e viver no automático. Eu entrava em total pânico quando chegava o dia de lecionar, apenas a acolhida, daquela pequena turma de 5 a 7 aluninhos de 6 anos, on-line e que diante as dificuldades do ensino e aprendizagem na pandemia ainda tinham força de vontade de continuar os estudos. Espero um dia, inclusive, reencontrá-los para pedir desculpas, eu não estava 100% e acabara que não dava o meu melhor que era o que a turminha merecia... enfim. Em meio aos troncos e aos barrancos, finalizei o PIBID, totalmente apavorada em dar continuidade com a educação infantil.

Com Paulo Freire (1997) pude perceber convergências nas visões sobre a educação como ferramenta de independência, diálogo intergeracional e compromisso com a formação integral dos indivíduos mesmo que, muitas vezes, estejas com medo. Seja medo da incerteza do futuro, ou medo do próprio dom de educar, mas que mesmo assim vá em frente.

Seguir em frente na educação escolar, mesmo com medo, é se ocupar da produção de currículos, dos sentidos e significados produzidos em sala de aula e fora dela. Mas, diante daquele cenário catastrófico em que, não só o mundo se encontrava, mas a

minha cabeça e vida acadêmica também, como usar uma educação mais inclusiva, democrática e comprometida com a formação integral dos indivíduos em uma realidade na qual eu não fazia ideia que poderia existir?

Até que no quinto período, conheci o núcleo de EDUCOM e por ser uma área com afinidade a comunicação, a área na qual de início eu tinha mais interesse, então entrei mais uma vez de cabeça. Para mim, a comunicação e a educação é a junção perfeita, pois relaciona a construção de ambientes mais democráticos e inclusivos para qualquer pessoa com vontade de aprender. A senhora lembra-se de quando decidi fazer parte daquele projeto de Jovens Comunicadores, o Carrapicho Virtual? Foi bem a senhora que deu este nome ao projeto, pois então. Foi daí que nasceu essa minha paixão pela educomunicação. Como Érica Daiane (pag. 14, 2019) afirma que usar a comunicação educacional como uma ferramenta para mudança social é essencial porque permitem que os jovens formem opiniões, posições e participe de ações que visam a sua formação, por exemplo, comece a compreender o poder da mídia sociedade comparando as experiências dentro das comunidades, que envolvem adolescentes, jovens e adultos com experiência adquirida na escola durante o estudo.

O Carrapicho Virtual é um grupo de jovens do vale do Salitre que trabalham integrados com o ecoturismo e principalmente a educomunicação que busca sempre colaborar com a permanência destes jovens em suas comunidades, buscando alternativas de renda na intenção de evitar o êxodo rural. Oriundo do trabalho de mestrado de Érica Daiane de 2019, me proporcionou experiências e uma grande girada de chave em minha vida. Antes do Carrapicho Virtual, em meados de 2012, meu único objetivo de vida era concluir o ensino médio e trabalhar no comércio local de Juazeiro. Ainda bem que conheci o Carrapicho Virtual... risos. Aperfeiçoei a minha escrita e comecei a ter apreço e afinidade pela produção de audiovisual.

Sendo integrante do Carrapicho desde 2015, pude perceber que a educomunicação representa um poderoso dispositivo para o fortalecimento também da educação como agente de transformação social a partir do momento em que ela promove o desenvolvimento integral dos envolvidos ao estimular uma participação colaborativa na sua cultura regional. A senhora mesma presenciou este fenômeno comigo, dentro da comunidade.

E aquele sentimento de que nem tudo estava perdido, se aflorou novamente em meu coração. Fazendo com que eu me envolvesse ainda mais nos processos pedagógicos nos quais a faculdade, me oferecia.

SEGUNDA CARTA: COISAS QUE VIVENCIEI DURANTE O ESTÁGIO

De sua neta, com muito carinho e respeito, em 19 de fevereiro, 2024.

Querida vó Ana, eu estava aqui refletindo...

Durante a minha formação, adquiri muitas experiências antes de realmente lecionar e chegar em sala de aula. Tive bastante dificuldades quando fui bolsista do PIBID: 2021, no auge da pandemia, enquanto o mundo todo estava se adaptando à nova realidade, o meu cérebro se negava de todas as formas a se adaptar e a entender que estudar e lecionar virtualmente poderia ser a única alternativa a partir daquele momento. Eu questionava diversas das minhas habilidades com crianças, tanto as que eu já havia adquirido na universidade quanto as que eu já tinha como pessoa. Foi um verdadeiro caos! Vivia me questionando e me perguntando se era aquilo mesmo que eu queria para minha vida e por muito pouco hoje eu não estaria formada. Me lembrei novamente da senhora, me recordo da quando me contou sobre o início a sua carreira docente:

“Aí eu comecei dar aula lá na casa do meu pai, mas eu não me achava, não sabia nada, mas o que eu sabia fazer, eu fazia. Chamar as quatro operação de “conta” eu sabia, né? Então somar, diminuir, multiplicar e dividir. (...) eram trinta e tantas crianças. Era uma turma grande! Agora naquele tempo era a cartilha. Estudava a cartilha e depois que estudava a cartilha, passava pra primeira série e da primeira série para o segundo ano, terceiro e quarto e do quarto eu já achava difícil, mas era um sufoco porque era menino do demais. Aí tinha um negócio de tomar lição dos menino, cada dia tinha que ler ali no livro, tinha aquela leitura para ler e dar a lição, passar para outra página do livro e pra passar para outro livro tinha que ler aquele tudo da lição, tudo para passar para o outro. Pra mim era muita labuta, minha fia...”

E me dei conta do quanto eu estava sendo “privilegiada” por, mesmo em pânico, ter essa experiência ruim durante o estágio para que pudesse moldar uma ótima pedagoga. Faço-me então a mesma pergunta que Arroyo (p. 24, 2013) fez: “Por que

a preparação para sermos educadores(as) não faz parte de nossa formação?”, esse questionamento de Arroyo é justamente o que vim me questionando durante o meu período de formação. A senhora, vó, pode me perguntar “mas você não estava estudando justamente pra isso?” sim estava, mas em que momento da minha formação me foi ensinado sobre o domínio das artes de educar? É diferente! É necessário considerar as diversidades presentes no contexto educacional na formação do professor.

Sei que o amadurecimento profissional ocorre de acordo com que o tempo vai passando e na medida em que a professora adquire experiência e desenvolve suas habilidades pedagógicas e de relacionamentos, era justamente esse processo de aprendizagem e amadurecimento que me colocava o terror...

No quinto período do curso, houve a divisão dos núcleos, fui logo para o que chegava mais perto de tudo o que eu já estava habituada, o núcleo de EDUCOM. Este núcleo pôde me oferecer ainda mais suporte sobre o uso de ferramentas de comunicação na qual enriqueci as práticas educativas, promovendo a participação, o estímulo e a criatividade dos alunos. Foi quando estagiei pela primeira vez em uma turma de EJA (educação de jovens e adultos) e me apaixonei completamente pela área e por lecionar. Durante a semana de observação a intervenção no meu último estágio obrigatório, na escola Argemiro José da Cruz, tive o privilégio de conhecer pessoas, histórias de vida e realidades diferentes de tudo que havia visto. Fiz amizades que levarei para comigo não só na vida profissional, mas pessoal também, em especial, sr. Ezequiel, dona Gírlene e o menino André.

Senhor Ezequiel, senhor de 74 anos, com problemas cardíacos que voltou aos estudos, super interessado e curioso a respeito de todos os assuntos, mas também muito inteligente em matemática. Desenvolveu habilidades surpreendentes no tempo que trabalhava vendendo lenha. Ele relatou que “ou aprendia, ou não levava comida pra casa”, dando a entender de que a necessidade muitas vezes ensina mais que a própria escola, pois na sua infância não tinha tempo de estudar, tinha que ajudar seus pais no interior de São Paulo, mas em nenhum momento de sua vida desistira dos estudos e sonha em conquistar o seu diploma.

Dona Girlene, passou sua infância sendo impedida de ir à escola pelos mesmos motivos do sr. Ezequiel, a necessidade de trabalhar para ajudar em casa. Hoje, com seus 58 anos, esbanjando alegria, carisma e disposição é super esforçada com seus afazeres escolares, nunca perdeu uma aula e sempre compartilha conosco, mesmo que as vezes com timidez e no receio de errar, tudo que aprendeu em casa com o reforço que seu filho dá a ela.

E o personagem André, foi superimportante para a minha virada de chave como pedagoga. O menino André, de apenas 9 anos, é neto de um dos alunos, o Ricardo, sempre está acompanhando o avô nas idas para a escola. Segundo ele, é para ajudá-lo com atividades complementares ao chegar em casa. Mas, nesta semana em especial em que estive junto a eles, ele esteve muito próximo do sr. Ezequiel, sendo literalmente o seu braço direito, o ajudando e orientando onde mais tinha dificuldades. Achei bastante interessante esse contraste de idades e principalmente na disposição do menino André, que tornou-se um tutor de homem que poderia ser seu avô, criando regimes de colaboração inter-geracionais.

Foi observando essas realidades que pude compreender com clareza o que Freire (1999) disse. Independente de idade, área de atuação, ferramentas ou não, a educação é um ato de amor e por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate nem a análise da realidade. A Educação Como Prática da Liberdade é um ato de amor que extrapola os muros da escola.

Fora toda as experiências que tive a no estágio obrigatório da universidade, não poderia deixar de fora as experiências “não-formais” que tive ao decorrer da vida acadêmica.

Durante 6 meses, em 2023, fui voluntária no Instituto Dona Raimunda, localizado no bairro Palmares II, em Juazeiro. O instituto funciona como um abrigo no turno contrário à escola para que neste meio tempo elas não fiquem na rua em direto contato com a marginalização. Vó, são mais de 70 crianças de 02 a 12 anos em estado de vulnerabilidade social que são cuidadas diariamente. Neste período, pude observar principalmente esta questão do prematuro contato com a marginalidade que essas crianças têm e percebi que é uma discussão que vai muito além do que fazer trabalhos sociais e caridades. É necessário conhecer de verdade as famílias em que cada

criança está inserida para que só depois possa ter um olhar crítico sobre a vida escolar delas.

Eram duas turmas. Uma com idades de 02 a 05 e outra com 06 a 12. Mesmo com a existência dessas turmas e com esta divisão de idade, á uma dificuldade muito grande pois além da diferença de idade entre uma criança de 02 anos e 05 anos por exemplo “atrapalhar” um trabalho em conjunto com a turma, a quantidade por sala é muito grande e ainda não tinha a quantidade correta de profissionais que se voluntariam para ajudar a conter. O “certo” seria, pelo menos uma professora titular e duas assistentes para que pudéssemos dar conta da galera. Eram nestes momentos que eu parava e pensava “o que vó faria em meu lugar?” ou melhor, o que a senhora fez, vó?

“Eu era do tempo da palmatória, viu? Que a gente ensinava e quando era dia de sábado, porque queriam que eu desse aula até de sábado. Aí ia fazer o argumento, sabe o que era o argumento? Eu procurava os alunos, por exemplo: procurava: “você sabe quanto é $8 + 8$?”, aí você dizia “14, 15” você errava, né? Aí procuravam então a outro “ $8+8$?” aí diziam “16” aí acertava e dava o bolo (palmada) em você que errou. Aí dizia assim “ 2×8 ?” e você não sabia, você dizia “ 2×8 é 10”. Ai o outro respondia “16! 2×8 é 16” aí o outro bolo em você. Aí, tinha vez que procurava tudinho, errava aí quando tudinho errava era a professora que dava bolo.” ANA CLARA, 2024.

Ainda bem que os tempos mudam, hein vó? (risos)

As crianças do instituto já presenciavam demais a violência em seu cotidiano, seja dentro de casa ou nas ruas, mesmo com a pouca idade, chegavam lá com uma bagagem extensa de experiências sofridas por conta da violência e marginalização.

Cheguei a presenciar, nesta turma “dos pequenos” ter mais de 25 crianças em uma manhã só para uma professora sozinha lidar com todas! E isso vai de limpar a fralda dos menorzinhos e manter a atenção para que eles não se machuquem a tentativa de uma alfabetização nas crianças que já frequentam a creche, como uma espécie de reforço escolar. Era impossível!

Algumas crianças, por chegarem famintas e sujas, muitas vezes não conseguíamos ter a atenção plena desta criança para assuntos, como por exemplo, de alfabetização. Mesmo assim, fui procurando entender quais as dificuldades que cada um tinha e cada dia tentava tratar com os assuntos que respondia a necessidade de cada um.

Como meu maior exemplo: Davi Lucas, 5 anos. Filho mais velho de 3 irmãos, sendo um de 2 e o outro de 3, que também estava na mesma turma. Era meu "ajudante" com seus irmãozinhos, ele mesmo via a necessidade de me ajudar com eles para que o retorno viesse para ele. É um menino muito curioso e sempre se estressava quando estávamos no meio de um assunto e surgia a necessidade de alguma criança menor, como trocar a fralda ou acolher por um choro ou briga.

Mesmo sendo muito prestativo e curioso para com as atividades, Davi Lucas era muito tímido e tinha medo de errar diante de seus coleguinhos pois a grande maioria da idade dele estava na creche a pelo menos 1 ano e ele ainda não tivera contato com esse ambiente escolar. Por esse motivo, comecei a me organizar e reservar horários para ele para que só assim, sozinho, ele conseguisse evoluir no que queria aprender. Quando o conheci, Davi Lucas não sabia contar até o número 5, depois de esforços, atividades e brincadeiras com os números, Davi Lucas passava o dia cantarolando até o número 10 e se esforçava pra chegar ao 20. Meu grande orgulho que levarei pra sempre em meu coração.

Levo em consideração mais uma vez a visão crítica e reflexiva sobre o currículo escolar que Arroyo aborda em seu livro *Currículo, território em disputa* (2013), no qual provoca questionamentos sobre práticas, seus impactos sociais e suas possibilidades de transformação em direção a uma educação mais justa e igualitária. Percebi que as ideias de Arroyo apresentam algumas conexões e influências do pensamento de Paulo Freire, eles compartilham uma visão crítica da educação, pautada na independência dos sujeitos e na transformação social. Tanto Arroyo quanto Freire enfatizam a importância de uma abordagem pedagógica que leve em consideração as realidades sociais, culturais e políticas dos estudantes, valorizando suas experiências e saberes.

No meu período de estágio, eu tinha apenas Freire como visionário de todas as situações nas quais me apareciam, sem querer desmerecer outros autores importantes para a educação, mas no período de escrita destas cartas para a senhora, vó, conheci Miguel G. Arroyo, no qual também me fez refletir sobre essas questões com uma linguagem mais atual. Ambos os autores contribuem para uma visão mais humanizada e transformadora da educação, comprometida com a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

TERCEIRA CARTA: O QUE EU ESPERO PARA O FUTURO

De sua neta, com muito carinho e respeito, em 18 de junho de 2024.

Sabe, Vó Ana, a senhora mesmo me disse uma vez que a única certeza nessa vida é a morte, e mesmo o futuro sendo incerto eu ainda tenho bastantes expectativas sobre ele. Hoje, para mim, ele não é mais um “bicho de 7 cabeças”. Para identificar isso é muito fácil, é necessário saber de onde eu vim, como eu vim para saber para onde vou.

Iniciei o curso de pedagogia em 2019.1, em meio a um governo autoritário, com várias contentas relacionadas à educação, cultura e direitos humanos, a políticas de viés conservador foram implementadas em diversas áreas, gerando debates quentes na sociedade. Posso afirmar que as políticas adotadas por este governo tiveram impactos significativos em diferentes ambientes que resultaram reações negativas por grande parte da população e da comunidade docente, assim dizendo como pedagoga e estudante na época.

Lembro-me que uma das medidas que mais gerou conflito na área da educação durante o governo Bolsonaro foi o contingenciamento de verbas para universidades e institutos federais em 2019, resultando em uma greve logo no meu primeiro semestre de faculdade pois tais cortes poderiam impactar negativamente a qualidade do ensino e da pesquisa nas instituições de ensino superior, o que por muito tempo deixou aquele ar de incerteza para o nosso futuro.

Nem de longe a opressão deste governo me fez querer desistir do curso nem da esperança de que os professores sejam cada vez mais valorizados no Brasil. Me formando então, hoje num governo liberal, que tem um olhar mais cuidadoso com a educação do país, mas que a luta é persistente, ainda há inúmeras medidas que precisam ser tomadas a respeito da qualidade da educação e do reconhecimento da carreira docente. É necessário que o poder público reconheça o trabalho do pedagogo não apenas com palavras, mas também por meio de políticas concretas que valorizem a nossa formação, remuneração e condições de trabalho.

Além disso, tenho esperança de que essa valorização que tanto almejo para os professores esteja ligado a uma visão mais ampla de educação, que como Freire,

reconheça a diversidade de saberes e experiências presentes em nossas escolas e que os professores são peças fundamentais na ascensão de uma educação inclusiva, crítica e transformadora. Que a esperança em uma educação de qualidade, com professores valorizados e respeitados, possa se estabelecer em ações adequadas que ergam o status e o reconhecimento de profissionais tão essenciais para a formação de **qualquer** profissão. Sabemos também que a luta pela valorização da carreira docente, por condições dignas de trabalho e por uma formação continuada de qualidade se apresenta como um ponto crucial para a melhoria do ensino no Brasil e é isso que buscarei defender em quaisquer oportunidades, fazendo o meu papel como cidadã e pedagoga.

Em *Pedagogia Da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido* (1992), Freire dá ênfase a necessidade de reconhecer e valorizar a esperança como um elemento vital no processo de libertação dos oprimidos. Ele critica a visão tosca que desconsidera a capacidade de mudança e transformação das pessoas e da sociedade. A esperança, para Freire, está diretamente ligada à luta por uma educação libertadora, que promova a consciência crítica, a autonomia e o engajamento dos cidadãos na construção de um mundo mais justo e igualitário. Apesar dos desafios e das desigualdades presentes no sistema educacional brasileiro, é importante acreditar na possibilidade de transformação e na construção de um cenário mais justo e equitativo para todos. A esperança é a gasolina de uma transformação social e é nisso que me apego, vó, na esperança. Porém, a esperança por uma boa educação no Brasil não deve ser apenas um sentimento individual, mas sim uma pauta coletiva que mobilize a sociedade em busca de mudanças estruturais e duradouras. A educação é um direito fundamental e um pilar essencial para o desenvolvimento social do país, sendo importantíssimo manter viva a esperança em um futuro educacional mais justo, inclusivo e transformador para todos.

Quando penso no futuro da educação no Brasil, especialmente no que diz respeito à valorização dos professores, consigo enxergar algumas perspectivas e desafios que podem impactar positivamente a carreira docente no país. Uma das expectativas que tenho a respeito disso, é o fortalecimento de políticas públicas voltadas para a formação inicial e continuada dos professores, fazendo com que a garantia desses profissionais estejam cada vez mais preparados para lidar com as demandas e diversidades presentes no contexto educacional brasileiro seja efetivo e pleno. Investir

na qualificação dos docentes é fundamental para a melhoria da qualidade do ensino e para o reconhecimento da importância do trabalho realizado em sala de aula.

Valorizar os professores não se resume apenas a questões salariais, mas também envolve condições adequadas de trabalho, respeito à autonomia pedagógica, incentivo à criatividade e inovação no processo de ensino-aprendizagem e por esse motivo, também almejo uma maior valorização social da profissão docente, reconhecendo o papel fundamental dos professores na formação dos cidadãos e na construção de uma sociedade mais justa e igualitária. O estímulo à participação ativa desses profissionais na elaboração e implementação de políticas educacionais garante com que suas vozes sejam ouvidas e consideradas nas decisões que impactam diretamente seu trabalho e a educação como um todo também é uma possibilidade de início para a valorização do trabalho docente. A construção de uma cultura de valorização dos professores é fundamental para o fortalecimento da educação no país e para a promoção de uma sociedade mais justa e democrática e fazer com que todo o trabalho com grandes dificuldades que um dia, não só Dona Ana Clara teve, mas como milhares de professoras Leigas que na época não entendiam mas que hoje servem de inspiração para pessoas que assim como eu, entraram na jornada docente, não seja nunca esquecido e apagado, mas sim, servido de exemplo como mesmo diante de todas as dificuldades que até hoje ainda são encontradas em sala de aula, não deixaram impossibilitar a alfabetização de milhares crianças.

É levando em consideração todas as experiências relatadas nestas cartas que, apesar de a grande maioria não tenha saído como o planejado, posso afirmar que me formei e estou me tornando pelo menos 1% da profissional que um dia dona Ana Clara foi. Mesmo sabendo que a plenitude é inimiga da evolução, foi observando a integridade e firmeza nas palavras de experiência que sempre com muito carinho me aconselhavam que me moldou em ser uma cidadã preparada para quaisquer dificuldades que a vida tem a me oferecer. Espero um dia poder retribuir-lhe com orgulho, minha querida vóinha.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O uso das cartas como forma de expressão e diálogo entre as gerações foi um importante suporte para que este artigo fosse desenvolvido. Minha intenção para com

este artigo sempre foi além do que “apenas” o trabalho de conclusão do curso, mas também de forma significativa para eu poder homenagear dona Ana Clara minha avó, dando ênfase e valorização dos seus longos 32 anos de trabalho duro como professora leiga. Posso afirmar que esta abordagem contribuiu para uma reflexão mais profunda sobre os desafios da formação docente.

Desafios esses que, ao decorrer desta pesquisa que não quero finalizar por aqui, poderei afirmar que não são individuais. A tomada de decisão para seguir com a carreira docente, creio que não só para mim, seja repleta de desafios e obstáculos que suas superações são necessárias para que o docente se forme com consciência de que o ato de aprender nunca termina tal como o ato de ensinar. (FREIRE, 1970)

Dona Ana Clara e Amanda Clara são algumas das milhares de histórias e personagens parecidas que devem ter caatinga adentro. Ao longo deste processo formativo minha vó foi e tem sido referência importante para a minha experiência pessoal na minha condição de pedagoga.

Quero agradecer imensamente a todas e todos os envolvidos no meu processo de formação. Com todas essas experiências, tive a oportunidade de compartilhar essas reflexões que ressaltam a importância da educação e, principalmente, do diálogo intergeracional na construção de um futuro promissor na educação brasileira. Em meio aos desafios e descobertas que permearam e permeiam a minha jornada na educação, é fundamental lembrar do poder transformador que cada ato de ensinar e aprender que carregarei comigo. Cada palavra compartilhada, cada gesto de acolhimento, cada semente de conhecimento plantada tem o potencial de germinar em um futuro repleto de possibilidades e realizações. O meu compromisso com a educação vai além dos limites do tempo e do espaço, espero ecoar nas mentes e nos corações de todos aqueles que cruzarem o meu caminho.

Continuarei firme em meu propósito, pois o trabalho como educadora é uma verdadeira dádiva para aqueles que tem o privilégio de serem guiados por uma, assim como eu fui e assim como dona Ana Clara foi. O futuro da educação está nas mãos de cada um de nós, e com ele, as infinitas possibilidades de transformação e crescimento como um todo na sociedade.

Com amor, as experiências de sua neta, Amanda Clara. 2024.

REFERÊNCIAS:

PASSEGGI, Maria da Conceição. Memoriais autobiográficos: escritas de si como arte de (re)conhecimento. In: CORDEIRO, Verbena Maria Rocha; SOUZA, Elizeu Clementino de (org.). Memoriais, literatura e práticas culturais de leitura Salvador: EDUFBA, 2010b. p. 19-42.

SOUZA, Elizeu Clementino de; MEIRELES, Mariana Martins de. Olhar, escutar e sentir: modos de pesquisar-narrar em educação. 2018.

Silva, Érica Daiane da Costa; Carrapicho: experiências de educomunicação com adolescentes e jovens do vale do Salitre. /. Érica Daiane da Costa Silva. – 2019.

FREIRE. Paulo. Professora sim, tia não - cartas a quem ousa ensinar. Editora Olho d'água, São Paulo- 1997

FREIRE, Paulo . Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FUHRMANN, Nadia; PAULO, Fernanda dos Santos. A formação de educadores na educação não formal pública. Educ. Soc., Campinas p.551-566. 2014.

ARROYO, Miguel Gonzales. Currículo, território em disputa. Petrópolis: vozes, 2011.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1992.